



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

BRASIL E PORTUGAL UNIDOS NA DEFESA DOS VALORES COMUNS

Saudação ao Professor Doutor Marcello Caetano

DISCURSO PROFERIDO NO PALÁCIO ITAMARATY, EM
BRASÍLIA, A 8 DE JULHO DE 1969, DE SAUDAÇÃO AO
PROFESSOR DOUTOR MARCELLO CAETANO, PRESIDENTE
DO CONSELHO DE MINISTROS DE PORTUGAL, EM VISITA
OFICIAL AO BRASIL.

Senhor Presidente:

Extremamente fácil e, ao mesmo tempo, algo dificultoso, é exprimir diante de Vossa Excelência a alegria com a qual o recebe e hospeda o Brasil, em momento de significação transcendente para ambos os nossos países.

Foi Vossa Excelência, aliás, quem primeiro indicou a dualidade desta experiência do espírito, quando, pouco antes de deixar Lisboa para vir ao nosso encontro, declarou «esgotadas as palavras, na retórica das mensagens e saudações trocadas entre os dois povos», embora fôssem inexauríveis os sentimentos.

Facilimo seria dizer-lhe agora o que se encontra a seus olhos, desde que Vossa Excelência tocou o primeiro ponto do nosso território até chegar a esta cidade, na qual percebe que antecipamos contato com nosso futuro. O júbilo inocultável das ruas, à sua passagem, como que nos impõe, por cortesia, silenciar sobre o seu íntimo sentido, para não lhe furtarmos a oportunidade da pura fruição direta das emoções coletivas, traduzíveis pelas fórmulas tomadas aos lugares-comuns da amizade luso-brasileira.

Já não é tão simples dar expressão precisa ao outro tipo de emoção provocada pela sua presença: a emoção de receber a visita, do Primeiro Chefe-de-Governo português que, praticamente em toda a nossa História de nação soberana, vem dar-nos, em nível próprio, demonstração da objetividade com que devemos considerar aqueles velhos e inexauríveis sentimentos que nos unem como povos. Falar do passado

— sobretudo do nosso passado — é cômodo; mas visualizar o futuro é tanto mais difícil quanto mais responsabilmente concebermos como um dever a tarefa de sua visualização.

Aqui me permitirá Vossa Excelência que não aceite como esgotadas as palavras destinadas a dar continuidade à nossa Mensagem fraterna. Chefes-de-Governo, cumpre-nos conferir-lhes adequação às circunstâncias e à altura institucional do nosso diálogo, que, neste lugar e neste momento, há-de começar a corresponder ao imenso e rico lastro sentimental que lhe prepararam, através de quatro séculos, dois povos cuja História está vincada pelos mesmos traços de energia, paciência, piedade cristã, otimismo e vontade de realizar.

A presença de Vossa Excelência no Brasil encerra longo período de nossas relações e abre novo capítulo a ser escrito com sinceridade, prudência, largueza de vistas e compreensão mútua de nossas peculiaridades nacionais, para que a amizade frutifique na medida de sua profundidade. A missão de governar, sendo, como é, um instrumento ativo da História, confunde-se em certa escala com a missão de intérprete da própria História, que se distingue pela capacidade que tenha de a compreender, além da faculdade de conhecê-la. Saber — observa em um de seus livros notável ensaísta norte-americano — saber não exige muito: exige apenas memória e tempo. Compreender exige mais, porque requer habilidade intelectual, adestramento, vivida consciência do que se está fazendo, experiência e, principalmente, perspectiva. No plano do Governo, quando se dispõe a renovar o complexo social de seu país, sem comprometer a continuidade de sua revolução, muito menos as tradições que a informam e inspiram, revela-se Vossa Excelência na plena posse das condições essenciais para compreender a gravidade e a importância da missão histórica que lhe confiou o destino e que o trouxe agora ao Brasil, com a integral solidariedade do ínclito Presidente Américo Thomaz, no instante exato em que nossas duas nações estão a reclamar de nós que não esbanjemos o tesouro precioso, por elas acumulado ao longo de muitos anos de sofrimento e esperança.

Cabe-nos, Senhor Presidente, longe de considerar esgotadas as palavras do entendimento luso-brasileiro, fazê-las acompanhar de obras e fatos, segundo a lição do maior orador sacro de nossa língua, para quem «nossa alma se rende mais pelos olhos que pelos ouvidos». Sem embargo do exemplo solitário de Jonas, que por efeito de um sermão converteu o mais poderoso rei do seu tempo, foi na união da palavra de Deus com sua obra mais sublime — o envio de seu filho à terra — que consistiu a eficácia da salvação do Mundo. Portugal não teria, neste lado do Atlântico, convertido tantas almas para o Cristianismo, se à palavra dos seus missionários não juntasse, contemporaneamente, sua admirável obra colonial.

Vossa Excelência aqui está para dar validade e vigor novo à nossa mensagem, com a obra de reformulação oportuna de nossas relações, na qual sua presença no Brasil, e em Brasília, constitui o começo mais seguro e auspicioso.

A amizade luso-brasileira, elevada à dignidade oficial de um tratado de consultas, avançou também oficialmente para o instrumento de que se muniu em 1966 o Primeiro Governo Revolucionário do Brasil, para preparar o alargamento de nosso intercâmbio econômico, de modo a nos beneficiarmos reciprocamente, com a proteção do nosso processo de desenvolvimento.

Diz-nos a rapidez com que Vossa Excelência acolheu o convite para a implantação do marco indestrutível desta visita, que Portugal contribuirá efetivamente, com trabalho constante e compreensão exata do nosso papel no mundo moderno, para imprimir ao generoso sentimento de fraternidade, que entrelaça nossos povos, o sentido dinâmico de que não soubemos dotá-lo até agora.

Senhor Presidente,

Quero terminar com a recordação de fato histórico, altamente simbólico da transcendência da amizade luso-brasileira. A Revolução Republicana de 1910 foi, por coincidência, deflagrada em meio da visita oficial que a Portugal fazia nosso Presidente eleito, Marechal Hermes da Fonseca, sem que nada se alterasse em relação a ele, a não ser alguns pormenores do protocolo. Tendo recebido as boas-vindas da monarquia, tocou à República apresentar-lhe as despedidas, na mesma atmosfera popular de cordialidade.

Assim evoluem nossas relações, e assim continuarão a evoluir, independentemente de circunstâncias e vicissitudes pelas quais possa, eventualmente, passar cada um dos dois países. Parafraseando Salazar — a quem rendo a homenagem de minha admiração e cujas palavras Vossa Excelência evocou em um de seus discursos mais recentes — afirmo que brasileiros e portugueses nunca serão demais para continuar a tradição de nossa amizade e manter Portugal e o Brasil unidos na defesa do que lhes é comum.

O que nos é comum, Senhor Presidente, jamais será tão pouco que não justifique nossa União.